

Poder e liderança na sala de aula

Júlio César Furtado – *Pedagogo e Psicólogo. Mestre em Educação pela UFRJ e doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Havana*

O ponto de partida para uma reflexão sobre o tema é a análise do conceito de poder. A literatura sobre o assunto nos apresenta uma infinidade de definições. Observamos que a maioria dos cientistas sociais concorda que *poder é a capacidade de um agente de produzir determinados efeitos, sendo uma decorrência da relação social entre indivíduos, grupos ou organizações onde uma das partes controla a outra*. O questionamento que cabe ser feito aqui é: como podemos contextualizar o conceito de poder na sala de aula? Uma primeira pista é definirmos que efeito queremos produzir nesse espaço. Pura obediência? Ação participativa? Postura crítica? Após clarear o efeito, temos que analisar a natureza da relação social que pode ativar o efeito que queremos. Parece-nos que diferentes relações tendem a provocar diferentes resultados.

A necessidade de controle é outro aspecto do conceito de poder que precisa ser clareado e alinhado entre professores e alunos. O controle de que falamos na sala de aula, é sinônimo de gestão. O professor é o responsável pelo resultado final do processo, logo, deve ser o gestor da sala de aula. Mesmo numa ação participativa, a gestão docente é o que garante a boa condução do processo.

Outro elemento que nos chama a atenção está ligado ao tipo de poder que o professor utiliza em sala de aula. Galbraith classifica o poder em três tipos: condigno, compensatório e condicionado. Essa classificação segue a cronologia do surgimento dos instrumentos operacionais do poder. O instrumento operacional é o que torna possível o exercício do poder. Segundo Galbraith, o poder condigno é o poder mais antigo que o homem conhece. O instrumento operacional que lhe dá vida é a possibilidade de punição. Sem essa condição, não é possível exercê-lo. Tendemos a obedecer alguém que tem o poder de nos punir, no entanto o poder condigno termina junto com a possibilidade de punição. O poder condicionado, segundo o autor, ganhou força com a consolidação do modo de produção capitalista. É um poder que se consolidou com a força do dinheiro. O instrumento operacional do poder compensatório é a possibilidade de realizar o desejo do outro. Uma vez que possamos propor uma troca (do tipo: você faz o que mando e eu realizo o seu desejo – dando-lhe dinheiro, por exemplo), que satisfaça a necessidade do outro, podemos exercer poder sobre ele. O poder compensatório se alimenta do patrimônio e da influência política. O terceiro tipo de poder é o condicionado, que se fortaleceu com o avanço do conhecimento. O instrumento operacional do poder condicionado é a intervenção na crença do outro. É o poder da mídia e das religiões. Esse poder se alimenta de conhecimento e de habilidade de influência. É o mais complexo de se exercer, pois nos exige habilidade de argumentação e de influência.

O equilíbrio entre os três tipos de poder é a chave para a liderança em sala de aula. A ação docente deve ser iniciada a partir do poder condicionado. O poder compensatório pode ser utilizado como recurso eventual e o poder condigno é poder de última instância. Até mesmo a utilização do poder em sala de aula constitui elemento de aprendizagem. Não é por acaso que crianças, ao brincar de escola, iniciam suas retaliações com broncas e ameaças. Precisamos repensar esse processo.